

A dor de não ter para onde ir

CRISTIANO GOMES

“Eu preciso dessa máquina para viver.” A frase desesperada é de José Ferraz da Silva, 54 anos, morador de Valparaíso (GO). Assim como outros 130 doentes renais crônicos, ele foi proibido pelo governo do DF de usar as máquinas de hemodiálise (que filtram o sangue) a partir do dia 30. A decisão que pode custar-lhe a vida é uma tentativa de cortar os excessos no orçamento da secretaria de Saúde.

“Recebi um ofício no dia 12 de abril deste ano que mandava eu procurar outro estabelecimento, fora de Brasília, para continuar meu tratamento”, conta o paciente.

Como em Valparaíso não há máquinas de hemodiálise, a opção mais próxima seria Aná-

polis (GO). “Já estou com a saúde debilitada e nem tenho recursos para viajar três vezes por semana. Além disso, as clínicas dessas cidades já têm seus pacientes e certamente não terá vagas”, supõe.

José Ferraz é português e vive a quase vinte anos no Brasil. Aposentado, recebe R\$ 151 do Sistema Único de Saúde (SUS). Por aqui se casou e teve dois filhos - um morreu ainda menino. Durante 20 anos morou na 711 sul, de onde saiu quando o dinheiro ficou escasso. Mas garante: “Nunca deixei de pagar meus impostos em dia”, diz, sem esconder a revolta.

Na quinta-feira, José Ferraz fez uma cirurgia para retirar uma hérnia. O problema apareceu depois de um transplante de rim mal sucedido, mas mesmo antes

disso, o aposentado já havia passado por seis outras operações, que o fizeram perder toda a carne e musculatura da barriga. “Ainda estou convalescendo da última cirurgia e recebo uma bomba dessas”, explica.

Os dias de hemodiálise são os mais difíceis. “Acordo às 4h. Saio de casa às 5h e já estou na máquina às 6h. De lá só saio às 10h.”

Com medo do futuro (pois não pode ficar mais de uma semana sem as sessões), o aposentado luta pela vida. “Gostaria que a imprensa e as autoridades tomassem uma posição a nosso favor. Sem a máquina de hemodiálise não temos chance de viver.”

Mudança - Para driblar o mesmo problema, Celmita Alves Ferreira Valverdes, 36 anos, mo-

radora de Planaltina de Goiás decidiu se mudar para a casa da mãe, em Nova Betânia.

“Terei de me mudar às pressas. Levarei meu filho mais novo, que já está matriculado em uma escola por lá e deixarei o outro com minha filha mais velha.”

Mesmo assim, Celmita torce para que não tenha problemas com a mudança de endereço. Portadora de uma doença renal, chamada Glomero Nefrite, que causou a falência de seus rins, a mulher manda um recado para o secretário Jofran Frejat: “É a vida de muitos seres humanos que está em jogo. Muitos de nós não têm a menor condições de rodar centenas de quilômetros por semana para ir a Anápolis. Peço que tenham pena de nós”, implora a dona de casa.